



# POSSE(SSIVOS), PAPÉIS TEMÁTICOS E A CATEGORIA SEMÂNTICA CONTROLE<sup>1</sup>

---

POSSESSION(SHIP), THEMATIC ROLES AND THE  
SEMANTIC CATEGORY CONTROL

Paulo Jeferson Pilar Araújo<sup>2</sup>  
*Universidade Federal de Roraima*

**Resumo:** Discute-se a proposta de que para melhor caracterizar as relações de posse predicativa, a categoria semântica Controle deve ser considerada, perspectiva essa que vai além da observação de paralelismo de papéis temáticos e de movimento de núcleos funcionais para lidar com possessivos e outros domínios. Para isso, as análises unitaristas ou localistas de Freeze (1992) para locativos, existenciais e possessivos são apresentadas, chamando para o debate as particularidades de línguas que utilizam possessivos comitativos (LEVINSON, 2011). Partindo de uma análise inicial de Belvin (1996), constata-se que a categoria Controle necessita de uma formalização mais adequada para lidar com as diversas relações próximas das de possessivos (ARAÚJO, 2013).

Palavras-Chave: Posse; Possessivos; Controle; Unitarismo, Papéis Temáticos.

---

<sup>1</sup> Este artigo revisita alguns pontos discutidos em tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em programa de duplo doutorado com a *Bayreuth International Graduate School of African Studies-BIGSAS*, Alemanha (ARAÚJO, 2013).

<sup>2</sup> paulo.pilar@ufrr.br

---

**Abstract:** *It is discussed the proposal that to better characterize the predicative possession relations the semantic category Control should be considered. Such perspective goes beyond of the observation of thematic parallelisms and functional heads movement to deal with possessives and other domains. For this, the unitarist or localist analysis by Freeze (1992) and others to locative, existential and possessive are presented, calling to the debate the languages which use comitative possessives (LEVINSON, 2011). From an initial analysis by Belvin (1996), it appears that the control category requires a more appropriate formalization to deal with the various relations close close to that of possessives (ARAÚJO, 2013).*

Keywords: *Ownership; Possessives; Control; Unitarism, Thematic Roles.*

## INTRODUÇÃO

Alguns dos temas discutidos sobre a interface sintaxe-semântica têm levantado questões centrais para responder até que ponto primitivos semânticos correspondem a primitivos sintáticos (LEVINSON, 2011). A codificação de posse predicativa nas línguas do mundo oferece em grande medida desafios para se testar a interrelação entre o sentido de posse e as possibilidades estruturais de possessivos<sup>3</sup>. A análise mais aceita sobre possessivos é a de Freeze (1992), seguida de pequenas reformulações (DEN DIKKEN, 1995; KAYNE, 2000). Nessas análises, possessivos são locativos, sendo o Possuidor (PR) entendido como o local onde se encontra o Possuído (PD). Entretanto, análises não localistas, como as de Araújo (2013), Lisa Levinson (2011) e Blaszczak (2008; 2009), desafiam as análises *mainstream* dos autores localistas. Este artigo trata desses trabalhos e da necessidade de inserir nos debates a categoria semântica Controle, entendida como instanciação dos traços [+/- Controle] e da categoria conceptual CONTROLE, a serem distinguidas adiante, por essa categoria ser apontada por diversos autores, formalistas e funcionalistas, como a categoria norteadora das relações possessivas (STASSEN, 2009; HEINE, 1997; LEVINSON, 2011).

O artigo está organizado como segue: a próxima seção oferece um panorama conceitual sobre posse predicativa nas línguas do mundo e as principais propostas explicativas da relação entre possessivos, locativos e existenciais. Na seção 2, apresenta-se a tipologia de Stassen (2009) e discute-se a análise unitarista baseada em papéis temáticos e traços semânticos (FREEZE, 1992; CLARK, 1978), além de discutir as consequências teóricas de encarar a particularidade de línguas de possessivos comitativos numa abordagem unitarista. Na seção 3, são detalhadas as implicações de chamar a categoria

---

<sup>3</sup> Aqui a relação que se aponta é a relação de POSSE (ownership) com a sua expressão linguística refletida em construções possessivas (possessive constructions), bem discutidos por Aikhenvald (2013).

semântica Controle para lidar com os casos de possessivos em suas relações com outras construções. Por fim, segue-se a conclusão.

## 1 POSSESSIVOS E SUA EXPRESSÃO LINGUÍSTICA

### 1.1 Apresentação conceitual

As estruturas possessivas possíveis nas línguas do mundo são bastante complexas em termos linguísticos por se relacionarem a outros domínios conceituais que não apenas ao de posse, por exemplo as de localização, existência e companhia (ARAÚJO, 2013). Stolz *et al.* (2008) apresentam, de forma esquemática, as possíveis estruturas de possessivos:

**Tabela 1** – Organização das construções possessivas (STOLZ, *et al.*, 2008, p. 11)

Nível semântico			Nível sintático	Estrutura do possessivo
Possuidor	Relator	Possuído		
N	X	N	NP	Atributiva: genitival
PRO	X	N	NP	Atributiva: pronominal
PRO/NP	V	NP/PRO	VP/S	Predicativa

A tabela acima resume as principais estruturas encontradas comumente para a expressão de posse, que em linhas gerais se constitui da relação entre duas entidades, o possuidor (PR) e um possuído (PD). A relação entre ambos se dá com o auxílio de algum morfema, nos termos de Stolz *et al.* (2008), um relator X que pode ter diversas funções para o caso de posse atributiva ou possessivos nominais SN X SN (O livro do aluno) ou pronominal (O livro é dele), ou predicativa (o aluno tem um livro), em outras palavras, o relator indicará a relação entre o possuidor e o possuído. Na estrutura atributiva, a expressão de posse pode se dar numa estrutura genitival, como em “*John’s house*”, do inglês, onde o morfema ‘s serve como o relator, ou em uma estrutura pronominal “Meu carro”, como em português. Interessa para este artigo a estrutura oracional ou predicativa de posse (SN tem SN) por nela se expressarem os demais domínios conceituais relacionados a posse, tais como existenciais, companhia, etc.

Para definir o conceito básico de posse, ou seja, a que se refere essa relação, alguns autores apontam ser necessário recorrer a conceitos culturais (AIKHENVALD, 2013). No entanto, é possível caracterizar relações possessivas, em termos linguísticos, deixando de lado um conceito mais cultural. Stassen (2009), em seu trabalho tipológico para a delimitação do domínio semântico de possessivos, defende que o caso prototípico de posse é caracterizado pela presença de duas entidades (o possuidor (PR) e o possuído (PD) tal que: (i) o possuidor e o possuído estão em uma relação local relativamente duradoura; e (ii) o possuidor exerce **controle** sobre o possuído. A partir dessa delimitação, o autor apresenta os dois parâmetros para a caracterização do domínio semântico/cognitivo de possessivos: CONTATO PERMANENTE e CONTROLE<sup>4</sup>. Com esses dois parâmetros, Stassen acredita ter encontrado uma caracterização para os subdomínios semânticos de posse, geralmente variáveis nas línguas do mundo. Abaixo um quadro proposto pelo autor para os subdomínios:

**Tabela 2** – Parâmetros semântico/cognitivos de Posse (STASSEN, 2009, p. 17)

SUBTIPOS DE POSSE	CONTATO PERMANENTE	CONTROLE
<i>Alienável</i>	+	+
<i>Inalienável</i>	+	-
<i>Temporária</i>	-	+
<i>Abstrata</i>	-	-

A partir de dois parâmetros e dois valores, Stassen conseguiu delimitar semanticamente a distinção de (in)alienabilidade e a difícil separação entre possessivos temporários e abstratos. Para o caso das construções de posse predicativa, desde Bach (1967) tem-se tentado explicar a relação entre as línguas que utilizam cópulas do tipo *Be* ou *Have* para a expressão de relações possessivas. Uma primeira formalização dessa relação foi realizada por Clark (1978) seguida de uma proposta unitarista de Freeze (1992), sobre o qual trata a próxima subseção.

<sup>4</sup> Adota-se aqui a convenção de adotar, para diferenciar a categoria conceptual CONTROLE (em caixa alta) dos traços semânticos [+/- Controle], entre colchetes, e a categoria semântico Controle (com inicial maiúscula) da noção geral de controle, em minúscula. Essas três instanciações de Controle são necessárias para mostrar como ela é bastante disseminada na estrutura conceptual humana, apesar de não receber codificação gramatical específica em todas as línguas do mundo. Araújo (2013) busca apresentar uma possibilidade de formalização de Controle para o estudo de possessivos e construções relacionadas (Cf. 3.1).

## 1.2 As análises unitaristas para possessivos, locativos e existenciais

Os trabalhos de Freeze (1992; 2001) são considerados como a proposta inicial da análise unitarista de possessivos. Freeze acredita ter encontrado uma forma de integrar as construções com verbos do tipo *have*, ou *have copulas* na sua terminologia às construções locativas e existenciais, tomando para isso a versão de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa (CHOMSKY, 1981; 1986). O autor demonstra a complementaridade entre as construções locativas, existenciais e possessivas em um conjunto de línguas que utilizam a estratégia de possessivos com cópulas do tipo *Be* e *Have*. Para ele, construções como as que seguem, teriam a mesma base derivacional, modificando-se apenas a ordem dos constituintes:

- (1) Russo (FREEZE, 2001, p. 945-6)<sup>5</sup>
- |    |                                |          |               |               |
|----|--------------------------------|----------|---------------|---------------|
| a. | Kniga                          | byla     | na stole.     | (Locativo)    |
|    | livro.NOM                      | COP.PASS | PREP mesa.LOC |               |
|    | 'O livro estava na mesa.'      |          |               |               |
| b. | Na stole                       | byla     | kniga.        | (Existencial) |
|    | PREP mesa.COP                  | COP.PASS | livro.NOM     |               |
|    | 'Havia/tinha um livro na mesa' |          |               |               |
| c. | U menja                        | byla     | kniga.        | (Possessivo)  |
|    | PREP-PRON                      | COP.PASS | livro.NOM     |               |
|    | 'Eu tinha um livro.'           |          |               |               |

Freeze (1992) recorre a línguas de diferentes ordens de palavras, entre línguas SVO, SOV, VSO, etc., e atesta que, apesar da variação superficial na ordem preferida de palavras de cada língua, há uma regularidade na forma como os papéis semânticos das construções possessivas, existenciais e locativas se comportam. Para Freeze, a regularidade encontrada em tantas línguas entre os constituintes das construções existenciais e locativas pode ser explicada em termos de movimento, desencadeado pelos traços de [+/- Definido]. Para as

<sup>5</sup> As glosas presentes nos exemplos seguem as decisões de cada autor consultado. Portanto, no caso de haver alguma inconsistência, deve-se à não padronização das glosas retiradas de terceiros. As glosas são as seguintes: 1SG = primeira pessoa do singular; ABS = absoluto; ACC = acusativo; AORIST = aoristo; ART = artigo; COM = comitativo; COP = cópula; DAT = dativo; DEF = definido; ERG = ergativo; GEN = genitivo; LOC = locativo; MS = marca do sujeito; NOM = nominativo; PASS = passado; PREP = preposição; PROG = progressivo; PRON = pronome; TOP = tópico.

---

construções possessivas, Freeze acredita que o POSSUIDOR pode ser considerado um locativo.

Em síntese, Freeze (1992, p. 559) argumenta que o movimento do tema de um locativo é governado pelo traço [+ Definido] ou [- Definido]: um tema com o traço [+ Definido] é movido para a posição de sujeito, decorrendo disso um predicado locativo (1a). Alternativamente, um tema indefinido permanece na posição, enquanto o locativo move-se para a posição de sujeito, decorrendo disso uma construção existencial (1b). Para o caso das construções com *have*, Freeze argumenta que *have copulas* se diferenciam das *be copulas* por aquelas serem basicamente existenciais com argumentos locativos com o traço [+ Humano], conforme exemplo (1c). O autor acredita que itens como *have* do inglês não são lexicais, mas traços de categorias funcionais. Em outras palavras, *have* é nada mais que uma cópula com uma partícula abstrata, geralmente de valor locativo, incorporada<sup>6</sup>, que, em predicados possessivos, tem como *spell-out* um item equivalente a *have*.

A análise unitarista de Freeze (1992; 2001) tornou-se bastante influente, passando por algumas modificações, como a possibilidade preposições incorporarem também em DPs (KAINE, 2000; DEN DIKKEN, 2006), ou por ser tomada como base por autores que tratam da mesma temática em línguas específicas (AVELAR, 2009; REINTGES; LIPTAK, 2006). No entanto, alguns trabalhos têm desafiado a validade teórica de uma análise estritamente unitarista (BLASZCZAK, 2008; 2009; LEVINSON, 2011; PAYNE, 2009; ARAÚJO, 2013). Dentre esses trabalhos, as línguas que fazem uso de estratégia comitativa para possessivos são as mais utilizadas como contraponto para as análises localistas (ARAÚJO, 2013; LEVINSON, 2011), nomeadamente as línguas do grupo banto e algumas línguas sul-americanas. A crítica que esses autores fazem às análises à la Freeze se deve ao enviesamento de amostra de línguas utilizadas por Freeze. Boa parte do seu *corpus* constitui-se de línguas de possessivos locais e existenciais, enquanto línguas de possessivos comitativos são ignoradas.

---

<sup>6</sup> O processo de incorporação é debatido desde a publicação seminal de Baker (1988), entendido como movimento de núcleos funcionais para dar conta de processos morfológicos bastante comuns em línguas não configuracionais. O modelo tem recebido algumas críticas (LI, 2005). Seria interessante uma apreciação bibliográfica e conceitual sobre a temática, considerando que tal debate, além da problemática de posse predicativa, toca em outros questionamentos importantes de teorias sintáticas (VAN VALIN, 1992).

## 2 POSSESSIVOS, PAPÉIS TEMÁTICOS E COMITATIVO

### 2.1 Tipologia de posse predicativa

Em termos tipológicos, as principais estratégias para a expressão de posse predicativa nas línguas do mundo são quatro, conforme Tabela 3, adaptada dos trabalhos de Stassen (2009) e Heine (1997). As grandes estratégias de posse predicativa nas línguas do mundo se dão com estruturas intransitivas: existenciais, locativos e comitativos; e uma estratégia (semi)transitiva exemplificada com línguas que possuem verbos equivalentes ao verbo *have*, do inglês ou “ter” do português.

Conforme o *World Atlas of Language Structure-WALS* (STASSEN, 2005), a maioria das línguas do mundo seguem a estratégia locativa, seguida da estratégia comitativa. Apesar da representatividade do comitativo como categoria expressiva nas línguas do mundo na expressão de possessivos, as análises sobre possessivos se concentram em línguas do tipo locacional (FREEZE, 1992). Exceções são os trabalhos de Stolz (2001), Stolz, Stroh e Urdze (2006) entre outros. Línguas que utilizam a estratégia de possessivos comitativos são marginalmente citadas ou analisadas na literatura. Vale citar a seguinte constatação de Lisa Levinson (2011): “Línguas que têm possessivos de companhia envolvendo preposição têm sido pouco discutidas na literatura sobre TER, apesar do fato de que essas construções se assemelharam muito mais às de TER.” (LEVINSON, 2011, p. 363) (TA).

**Tabela 3** – Principais Tipos de Construções Possessivas (STASSEN, 2009)<sup>7</sup>

Tipos de Construções Possessivas	Fórmula	Exemplo
<b>Possessivo Locacional</b> ( <i>Locational Possessive</i> )	<i>Em/para PR, existe um PD</i> <i>At/to PR, (there) is/exists a PE</i>	(i) Russo U Ivana byl avtomobil. Em I.GEN. COP.PASS carro 'Ivan tinha um carro.'

(p. 51)

<sup>7</sup> Neste ponto vale mencionar o trabalho de Heine (1997) que apresenta uma tipologia de possessivos, subdividindo os tipos de possessivos a partir do construto de esquemas de evento, no total de oito, a saber: Ação; Localização, Companhia; Genitivo; Destino; Origem; Tópico e Equação. Na tipologia de Stassen (2009), alguns esquemas como o de Destino, Origem e Equação foram readequados nos possessivos locacionais ou de tópico.

<b>Possessivo Comitativo</b> ( <i>With-Possessive</i> )	<i>PR está com um PD</i> <i>PR is/exists with a PE</i>	(ii) Hauçá Ya-nàa      dà      kudii 3sg..PROG COM dinheiro 'Ele tem dinheiro'. (p. 56)
<b>Possessivo de Tópico</b> ( <i>Topic Possessive</i> )	<i>Quanto ao PR, PD existe</i> <i>As for PR, PE is/exists</i>	(iii) Tagalog May relós ang nanay. Existe relógio TOP mãe 'A mãe tem um relógio.' (p. 60)
<b>Ter-Possessivos</b> ( <i>Have-possessive</i> )	<i>PR tem um PD</i> <i>PR has a PE</i>	(iv) !Xũ Da'a//om-kx'ao      kx'ae peri Cortador de lenha ter carneiro 'O lenhador tem carneiros.' (p. 69)

Mesmo quando o comitativo é identificado entre as estratégias para posse predicativa (como é o caso da estratégia comitativa em português “estar com”), os autores tratam do valor semântico de comitativo como uma espécie de locativo ou simplesmente uma categoria abstrata que pode incorporar em V (AVELAR, 2009). O trabalho do cognitivista Langacker (2009, p. 103) não é diferente. O autor inclui a preposição *with* do inglês como uma das alternativas “locativas” para possessivos locais (LANGACKER, 2009, p. 103)<sup>8</sup>.

## 2.2 Possessivos e papéis temáticos

O trabalho de Clark (1978) serviu de base para a análise unitarista de Freeze (1992). Naquele trabalho, a autora utiliza uma amostra de cerca de 30 línguas para apontar as regularidades entre papéis semânticos e construções locativas, existenciais e possessivas. Clark opera basicamente com os traços de animacidade e definitude, os dois parâmetros discursivos considerados pela autora como determinadores do cenário geral para os locativos. Seguindo esses parâmetros, ela classifica as construções em existenciais, locativas e possessivas (possessivas1 com verbos do tipo *have* e possessivas2 com verbos do tipo *be*) nos seguintes termos:

<sup>8</sup> Araújo e Pal (2013) apresentam alguns domínios conceituais do comitativo, particularmente nas línguas africanas.

---

(i) Se o espaço em questão é [+ Animado]: o enunciado é possessivo. A existência de duas construções possessivas, do tipo *have* e *be*, decorre das condições de definitude do tema ou SN possuído:

- a) Possessivas1: SN [- Definido]:
  - (i) *John has a book* (João tem um livro)
- b) Possessivas2: SN [+ Definido]:
  - (ii) *The book is John's.* (O livro é do João)

(ii) Se o espaço for [- Animado], há duas possibilidades:

- a) para nomes [+ Definidos]: enunciados locativos:
  - (iii) *The book is on the table.* (O livro está na mesa)
- b) para nomes [- Definidos]: enunciados existenciais:
  - (iv) *There's a book on the table.* (Há/tem um livro na mesa)

Para Clark, a escolha que as línguas fazem entre os verbos BE e HAVE dependerá do tema da sentença se o mesmo leva o papel semântico de POSSUIDOR (PR) ou POSSUÍDO (PD) e da definitude do PD. Resumindo abaixo, fica da seguinte forma:

- 1) Para possessivos com *have* (possessivas1): POSSUÍDO [- Definido] (com SN singular);
- 2) Para possessivas com *be* (possessivas 2): com POSSUÍDO [+ Definido].

A análise decomposicional de *have* proposta por Freeze também se valerá dos traços semânticos do tema, além do chamado efeito de definitude (ED). Freeze considera que, em construções existenciais, apenas SN indefinidos seriam permitidos, como exemplo do inglês<sup>9</sup>. Em uma outra publicação, de 2001, Freeze apresenta de forma esquemática as relações de papéis temáticos que ocorrem na ordem de constituintes, conforme foi visto para o caso do russo, no exemplo (1):

---

<sup>9</sup> Um dos pareceristas indagou sobre o caso de construções existenciais com DP definido pesado tais como: "Há o João que é o chefe do Departamento de Letras". Por não serem mencionados na literatura em vista, serão aqui desconsiderados, até por não serem contraexemplos nas discussões que seguem.

---

(2) Papeis temáticos de Locativos, Existenciais e Possessivos (FREEZE, 2001, p. 946)

- |                |          |                |               |
|----------------|----------|----------------|---------------|
| a. O TEMA      | está em  | um LOCATIVO    | (Locativo)    |
| [+ definido]   |          | [+/- humano]   |               |
| ?[- definido]  |          |                |               |
| b. No LOCATIVO | está     | um TEMA        | (Existencial) |
| [-humano]      |          | [-definido]    |               |
| c. O LOCATIVO  | está/tem | um/o TEMA      | (Possessivo)  |
| [+ humano]     |          | [+/- definido] |               |

O traço [+/- humano] pertence ao predicado locativo enquanto o traço [+/- definido] pertence ao argumento do tema (FREEZE, 2001, p. 946). No entanto, esses parâmetros não são simples como podem parecer; por exemplo, o que dizer de línguas em que esses dois parâmetros não parecem ser tão comportados? A título de exemplo, para o português brasileiro, Viotti (2002) demonstra que o efeito de definitude parece não ser tão obrigatório assim, como em: “Tinha *a tese* na biblioteca”, em que o DP pós-verbal é definido. O esquema desenhado por Freeze em (2) acima se adequaria perfeitamente aos exemplos de línguas de possessivos locais como o russo. No entanto, se línguas que empregam outras estratégias para posse predicativa forem consideradas, o quadro geral das relações entre possessivos pode mudar bastante. Este é o caso para línguas de possessivos comitativos.

### 2.3 Línguas de possessivos comitativos

Um detalhe significativo nas análises de Clark (1978) e Freeze (1992) é a representatividade tipológica das línguas. Basicamente as línguas selecionadas por cada estudioso apresentam a estratégia de possessivos locais, conforme as tipologias (STASSEN, 2009; HEINE, 1997) consultadas. O que dizer quando uma língua de possessivo comitativo entra em cena? Esse é um dos principais questionamentos de Araújo (2013) e Levinson (2011). Veja-se o caso dos constituintes em uma língua do grupo banto, para o qual a estratégia comitativa é a preferida:

- (3) Suaíli (G42) (CHRISTIE, 1970 p. 166-7)
- a. Pa-**na** watu nyumba-ni. (Locativo)  
 LOC-COP pessoas casa-LOC  
 'As pessoas estão em casa.' ('Tem pessoas na casa')
- b. Mungu **yupo** (Existencial)  
 Deus MS-LOC  
 'Deus existe.'
- c. watu wa-**na** nyumba (Possessivo)  
 pessoas MS-ter casa  
 'Pessoas têm casas.'

No exemplo acima, retirado de um primeiro trabalho a estender para as línguas do grupo banto uma análise unitarista, vê-se que as estratégias utilizadas diferem sobremaneira daquelas de línguas de possessivos locacionais (Cf. exemplos do russo em (1)). Nesse caso, a partícula *na*, de valor comitativo, carrega o valor de possessivo. Na maioria das vezes, o comitativo segue a cópula (equivalente ao “estar com” do português), em diferentes tempos verbais:

- (4) Suaíli (G42) (STASSEN, 2009, p. 216)
- a. Ni-**na** kisu  
 1SG-COM faca  
 'Eu tenho uma faca'
- b. A-li-**kuwa** na watoto wengo  
 3SG.COP.PASS COM crianças muitos  
 'Ele tinha muitos filhos.' (Lit.: Ele estava com muitos filhos)

Verificar a relação entre locativos, existenciais e possessivos em línguas de possessivos comitativos permite que se busque outra abordagem para aquelas relações. Um outro exemplo, fora da África, é o de Lisa Levinson (2011) para o islandês, língua que utiliza possessivo comitativo:

- 
- (5) Islandês (LEVINSON, 2011, p. 360)
- a. Hu' n er með bækurnar fimm.  
Ela.NOM estar com livros.DEF.ACC cinco  
'Ela tem/está com cinco livros.'
- b. Jo' n er með kvef.  
João.NOM estar com resfriado.ACC  
'O João tem/está com resfriado.'

Levinson (2011) defende que em islandês não há incorporação da preposição *með* na cópula *vera*, o que impõe um contraexemplo para as análises unitaristas de Freeze (1992). Nesse caso, mesmo que os autores continuem adeptos de algum tipo de “unitarismo”, como o que segue nas linhas de análise de Kayne (2000), atentar para o comitativo, de certa forma, tira a centralidade do locativo/existencial nas análises sobre possessivos. Línguas de possessivos comitativos requerem alternativas que vão além de uma análise decomposicional de verbos do tipo *have*. Uma das alternativas propostas é a da atuação da categoria semântica Controle (BELVIN, 1996; LEVINSON, 2011; ARAÚJO, 2013) em construções possessivas.

### 3 A CATEGORIA SEMÂNTICA CONTROLE E POSSESSIVOS

Praticamente todos os estudos e propostas teóricas elaborados para solucionar a questão da sintaxe de possessivos apontam para a necessidade de incluir parâmetros semânticos como o de controle para caracterizar a semântica das relações de posse. Creissels (2013) reafirma essa necessidade ao tratar da estrutura argumental de algumas línguas africanas no que diz respeito a possessivos e existenciais. Apesar de recorrerem à categoria Controle, ainda não foi oferecido um quadro conceitual que delimite melhor a atuação dessa categoria. Percebe-se que tal categoria seria uma instanciação dos traços [+/- Controle] juntamente com a categoria conceptual CONTROLE.

A categoria Controle é chamada para dar conta de diversos fenômenos linguísticos. Stassen (2009, p. 14) enumera alguns trabalhos funcionalistas/tipológicos que recorreram à noção de controle para analisar fenômenos tais como: agentividade (LANGACKER, 2002); transitividade (HOPPER; THOMPSON, 1980), sistemas de voz (KLAIMAN, 1991), papéis semânticos e causativos (COMRIE, 1981), dentre outros. Ainda assim, a categoria semântica Controle não recebeu uma melhor caracterização que reúna todas

---

aquelas construções sob um mesmo construto teórico. Pode-se considerar que o trabalho de Belvin (1996) seja o primeiro a tomar mais seriamente a categoria semântica Controle para lidar com a semântica de *have*, mesmo o autor considerando que *have* tenha na verdade uma semântica muito mais de inclusão do que de possessivo (BELVIN, 1996, p. 131). O autor se expressa como segue:

Eu não acredito que a negligência relativa ao controle na gramática formal deve ser tomada para indicar que a noção não tem nada a contribuir. Embora uma das razões para que o conceito tenha sido amplamente ignorado pelos linguistas formais pode ser a de que ela tem sido vista como uma noção essencialmente descritiva. Parece-me que é hora de reexaminar este pressuposto em face do crescente corpo de evidências de que esta noção descritiva se manifesta em processos gramaticais. (Tradução do Autor – TA) (BELVIN, 1996, p. 9)

Um exemplo bem ilustrativo de como a categoria Controle pode ser codificada gramaticalmente é apresentada por Comrie (1981) ao discutir sobre uma forma de classificar os diferentes papéis semânticos das línguas, como agente, instrumento, etc.:

O ponto mais importante que nós queremos fazer, referente às relações entre agente, força, instrumento e paciente é que isso não é tanto um conjunto de relações semânticas discretas, mas muito mais um continuum, sendo os rótulos representando diferentes pontos ao longo desse continuum. O continuum como um todo pode ser encarado como um continuum de **controle**, e devemos usar esse termo ao invés de rótulos discretos, exceto informalmente. Nossa tarefa é então, nos certificarmos se a distinção em termos de controle encontra reflexo linguístico formal em uma ou mais línguas, correlacionando com a distinção conceitual que pode ser identificada entre iniciadores conscientes [...] (TA) (COMRIE, 1981, p. 59)

Após essa citação, o autor mostra alguns casos em que certas línguas se valem da noção do grau de controle marcado gramaticalmente para distinções semânticas, a partir da escolha de Caso:

- (6) Tsova-Tush (COMRIE, 1981, p. 59)
- a. So voz-en-so  
1sg. ABS.cair-AORIST-1sg:ABS  
'Eu caí'

- b. As vuziz-n-as  
 1sg. ERG.cair-AORIST-1sg.:AORIST  
 ‘Eu caí’

Nesses exemplos, (6b) implica maior controle sobre a ação da queda (caí deliberadamente) e que tal construção não poderia ser usada se fosse usada numa situação em que a pessoa não controla a queda (6a). Mas como o próprio Comrie atesta: essas distinções de grau de controle “são encontradas esporadicamente nas línguas do mundo” e não há ciência se esse tipo de distinção é “completamente generalizada a esse respeito” (1981, p. 60). Para o caso de possessivos e construções relacionadas, o cenário parece ser ainda menos claro. Como a categoria semântica Controle atuaria sobre os papéis temáticos discutidos na subseção 2.2?

Um começo de análise, nessa direção, seria o trabalho de Levinson (2011), que parte de dados do islandês e sua estratégia comitativa para possessivos, trazendo assim uma nova perspectiva sobre as análises unitaristas. No entanto, a crítica da autora se dirige mais precisamente à caracterização da categoria P (de Preposição) das análises localistas e à natureza dos processos de incorporação do que realmente propor uma alternativa de análise diferente da de Freeze (1992). Levinson (2011) utiliza exemplos do islandês com *vera með* (equivalente a ‘estar com’ do português) para discutir a natureza de P a ser incorporado para produzir um verbo (semi)transitivo como *have*. Os exemplos da autora em (7) são os que seguem:

- (7) Islandês (LEVINSON, 2011, p. 360-1)
- |    |      |           |            |                 |       |
|----|------|-----------|------------|-----------------|-------|
| a. | Jón  | <i>er</i> | <i>með</i> | barnið          | sitt. |
|    | João | estar     | com        | criança-ART.ACC | dele  |
- ‘João tem a um filho seu’<sup>10</sup> (Tem a guarda legal do filho?)

<sup>10</sup> Optou-se pela tradução do exemplo acima do islandês como o uso do verbo *ter* com a preposição *a* para indicarmos um certo grau de transitividade. Fato semelhante é discutido por Creissels (2013) para o espanhol:

- (i) Espanhol (CREISSELS, 2013, p. 463)
- |    |       |          |       |                     |                           |
|----|-------|----------|-------|---------------------|---------------------------|
| a. | Tiene | un       | hijo  | invidente.          |                           |
|    | Ter   | ART      | filho | cego                |                           |
|    |       |          |       | ‘tem um filho cego’ |                           |
| b. | Tiene | <i>a</i> | un    | hijo                | enfermo                   |
|    | ter   | PREP     | ART   | filho               | doente                    |
|    |       |          |       |                     | ‘tem um filho seu doente’ |

- b. Jón            *er með* barninu            sínu  
 João            estar com criança-ART.DAT dele  
 'João está com o seu filho' (a criança o acompanha)

Os exemplos acima apontam para uma relação possessiva (7a) de uma relação comitativa (7b). Como diferenciá-las a partir apenas das relações temáticas, conforme linha de análise freezeana? É patente que as duas construções em (7) diferem apenas na marcação de Caso. Em (7a) “a criança” recebe o Caso acusativo, enquanto em (7b) recebe o dativo. A primeira expressa mais claramente uma relação de posse, a segunda apenas a de companhia. Frente a exemplos como aqueles, Levinson se aventura a utilizar a proposta de Stassen (2009) para a caracterização de um possessivo, usando para isso o parâmetro CONTROLE como traços semânticos [+/- Controle] capazes de diferenciar as duas construções em islandês. Para o caso do islandês, os traços de [Controle] e [Simetria] diferenciariam o comitativo de um possessivo (LEVINSON, 2011, p. 380) esquematizado da seguinte forma:

(8)	<u>Núcleo</u>	<u>traço de Caso</u>	<u>realização argumental</u>
	P <sub>Controle</sub>	Acusativo	Controle/Possessivo temporário
	P <sub>Simetria</sub>	Dativo	Simetria/Acompanhamento

Seguindo esse esquema, P é o núcleo de uma frase preposicional licenciadora de Caso em islandês. Com isso, se o Caso for acusativo, o parâmetro semântico [Controle] atua, permitindo uma caracterização de posse temporária ou de [+ Controle]. Se o núcleo P licencia o Caso de dativo, a interpretação passa a ser simétrica entre os participantes da construção, decorrendo uma expressão comitativa com o traço de [- Controle]. A análise de Levinson (2011), de encarar o traço [+/- Controle] como necessário para diferenciar as duas construções, aponta ainda para a impossibilidade de no islandês haver a incorporação da preposição *með* em um verbo para a produção de um verbo do tipo *have*, deixando mais ainda evidente que a categoria Controle esteja atuando muito mais na caracterização da relação possessiva do que os traços de animacidade, definitude ou movimento proposto por Freeze (1992) e seguidores.

---

Para Creissels, o uso da preposição *a* indica um grau de transitividade maior em (ib) do que em (ia).

---

O que decorre dessa análise é uma alternativa ao unitarismo de Freeze (1992) e seguidores, além de incluir no bojo das análises as línguas de possessivos comitativos. No entanto, a questão de como formalizar a categoria semântica Controle nas análises de possessivos permanece um desafio.

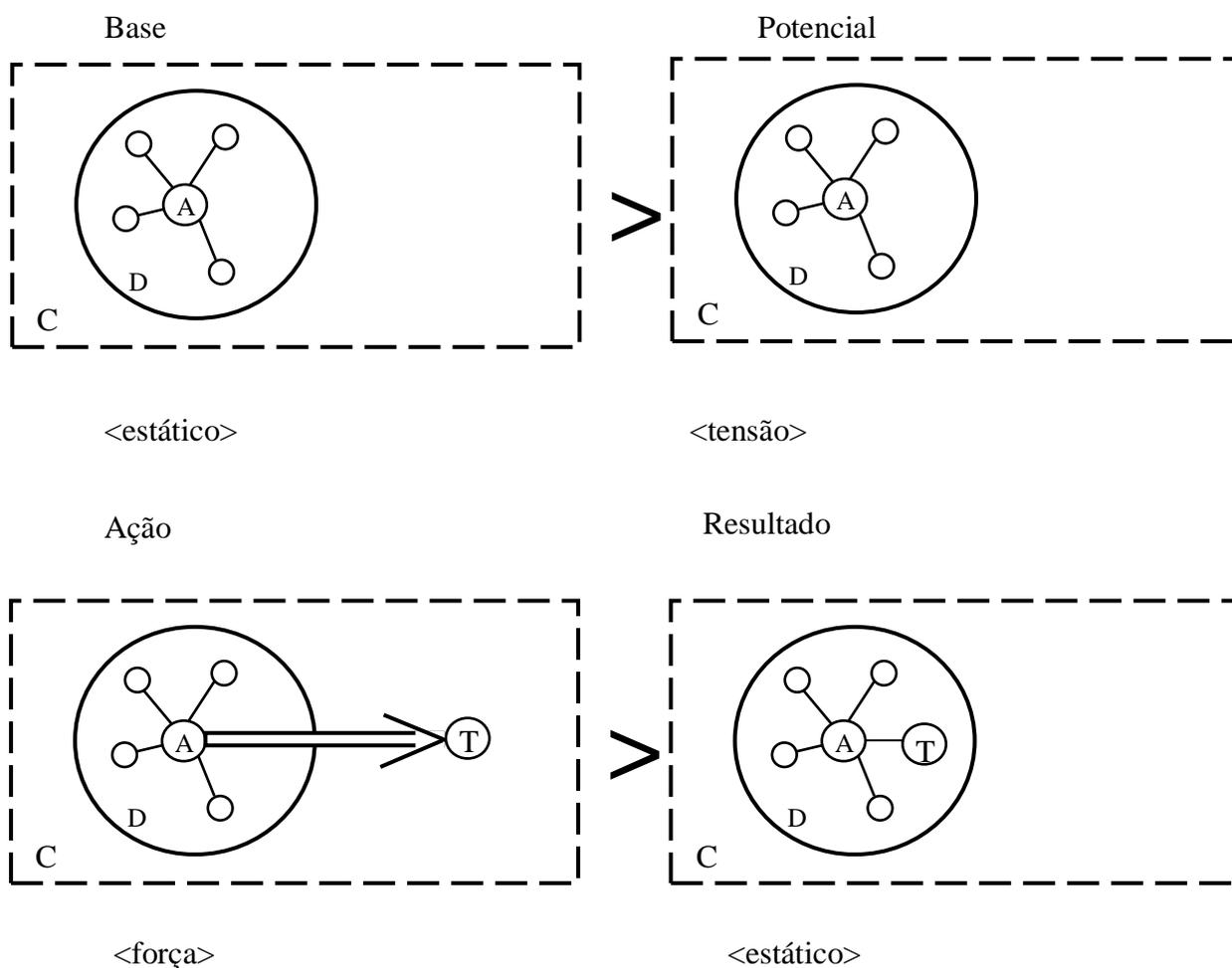
### 3.1 Uma possível formalização?

Talvez ainda não esteja clara a relação apontada algumas vezes neste artigo entre os traços semânticos [+/- Controle], a categoria conceptual CONTROLE e a categoria semântica Controle. Os traços [Controle] seriam traços lexicais decorrentes da estrutura conceptual humana responsável pela categoria CONTROLE, dessas, a categoria semântica Controle seria instanciada. A categoria semântica Controle pode ser marcada gramaticalmente nas línguas do mundo, apesar de não ser de fácil apreensão em construções linguísticas (Cf. exemplo (6) de Comrie). Ter a categoria semântica Controle delimitada e formalizada será um primeiro passo para que as relações possessivas sejam adequadamente descritas.

Um exemplo de uma categoria semântica bem discutida na literatura é a de Dinâmica de Forças (TALMY, 2000 [1988]), também utilizada por Jackendoff (1990) e outros trabalhos formalistas. Espera-se que o mesmo possa ser feito em relação à categoria Controle. Para mostrar que isso é possível, remete-se ao trabalho de Araújo (2013), como uma primeira e ainda tímida formalização da categoria Controle. O autor toma os construtos de Ponto de Referência e Ciclo do Controle da Gramática Cognitiva de Langacker (2003; 2009) para dar conta da relação entre possessivos e outros domínios conceituais, tais como locativos, existenciais e comitativos. Aqueles construtos cognitivos são tomados para atestar que a relação entre um PR e um PD é a de um ponto de referência, ou seja, um agente conceitualizador toma um ponto como referência para dirigir sua atenção a um determinado elemento, a exemplo de possessivos nominais: “o pescoço da menina”, em que “a menina” é o ponto de referência para se chegar ao PD, “o pescoço”. Quando o processo de escaneamento via ponto de referência adota uma força sobre o elemento a ser atingido, o sujeito conceitualizador toma controle do elemento a ser atingido.

O Ciclo do Controle tem como base o de Ponto de Referência, mas para o Ciclo do Controle, é necessário ter a atuação de uma força que inclui uma entidade num espaço dentro da zona de Controle de uma outra entidade

conceitualizadora. Utilizando-se das convenções da Gramática Cognitiva, o esquema seria como segue:



Num primeiro momento, tem-se um ator (A) em um domínio (D), dentro de um campo de conceitualização. Num segundo momento, entra em cena um alvo (T, do inglês *target*) sobre o qual o ator buscará alcançar. Nesse ponto, o ator serve como um ponto de referência para localizar o (T). Na aplicação de uma força, o ator consegue incluir o T dentro do seu domínio, exercendo sobre ele controle. Em linhas gerais, essa seria a descrição de Langacker na elaboração do seu construto de Ciclo do Controle. Esse modelo pode servir para caracterizar as relações possessivas, sejam elas originadas de construções locativas (possessivos locacionais), comitativas (possessivos comitativos), etc., simplesmente porque

---

todos esses domínios conceituais compartilham de uma mesma base conceitual: são todos pontos de referência (ARAÚJO, 2013)<sup>11</sup>.

Até o momento, esse é o construto mais próximo de uma formalização da categoria semântica Controle. Um próximo passo é o de aplicar esse construto nos debates teóricos formalistas que até então têm se ocupado apenas das construções locativas, existenciais e possessivas, deixando de fora o comitativo. Desse modo, as diferentes estratégias de posse predicativa serão contempladas, trazendo à tona as línguas de possessivos comitativos, e não apenas as de possessivos locacionais.

## CONCLUSÃO

Iniciando com uma apresentação conceitual entre a relação de posse e suas expressões linguísticas para possessivos, foram apresentadas as propostas unitaristas para a análise decomposicional de verbos do tipo *have*, a qual relaciona locativos e existenciais a possessivos (FREEZE, 1992). No entanto, se se leva em consideração as possibilidades tipológicas das línguas do mundo na codificação de posse predicativa (STASSEN, 2009), observa-se que o comitativo, como categoria válida e bastante produtiva, é deixado de fora desses debates teóricos. Línguas que se utilizam de possessivos comitativos apresentam outras relações temáticas que não estritamente de locativo, como advoga o unitarismo localista de Freeze e seguidores. Frente a essa constatação, desde o trabalho de Belvin (1996) ao de Araújo (2013), a categoria semântica Controle tem sido chamada para solucionar as intrincadas relações entre domínios conceituais aproximados, tais como locativos, existenciais, possessivos e, como defendido neste trabalho, comitativo.

Com a análise de Levinson (2011) sobre línguas de possessivos comitativos, sugere-se que uma análise mais refinada da categoria Controle, entendida aqui como instanciações de traços [Controle] e da categoria conceptual CONTROLE, pode contribuir bem mais a um escrutínio de possessivos e construções relacionadas do que às análises localistas clássicas.

Um dos argumentos é a forma como a atuação de Controle faz a distinção entre relações comitativas e possessivas, a exemplo de construções com *vera með*

---

<sup>11</sup> Na impossibilidade de apresentar toda a proposta de Araújo (2013) nesta última parte do artigo, a sugestão é a consulta direta do trabalho que pode ser acessado em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28082013-153034/pt-br.php>. Acesso em 29 de setembro de 2016.

---

(estar com) do islandês em (7). Com uma formalização da categoria semântica Controle, a sintaxe das construções possessivas poderá ser adequadamente caracterizada, abrindo mão de uma análise decomposicional para os verbos do tipo *have*.

## REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra. Possession and ownership: a crosslinguistic perspective. In: *Possession and ownership: A cross-linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ARAÚJO, Paulo Jefersson Pilar. *Domínios conceituais das construções locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas*. 245p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; PAL, Dayane. Sobre usos do comitativo em línguas africanas e a análise do ponto de referência. *Estudos Linguísticos* (São Paulo, 1978), v. 42, p. 230-244, 2013.

AVELAR, Juanito Ornelas. The Comitative-Copular Basis of Possessive-Existential Construction in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo (org.) *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

BACH, Emmon. *Have and Be in English Syntax*. *Language*, 43, 1967, p. 462-485.

BAKER, Mark C. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chigaco: University of Chigaco Press, 1988.

BELVIN, Robert Stallings. *Inside Events: the non-possessive meanings of possession predicates and the semantic conceptualization of events*. Tese de doutorado (Linguística) USC, 1996.

BLASZCZAK, Joanna. What HAS to BE used? Existential, Locative, and Possessive Sentences in Polish: In: ANTONENKO, Andrei, BAILY, John F., BETHIN, Christina (Orgs.). *Formal Approaches to Slavic Linguistics 16: The Stony Brook 2006 Meeting*. Ann Arbor: Michigan Slavic Publications, 31-47, 2008.

\_\_\_\_\_. *Predicate Inversion and Phase Extension: A new theory of syntactic locality or getting into trouble?* GGS, Leipzig 22-24. Maio, 2009.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

\_\_\_\_\_. *Barriers*. Cambridge: MIT Press, 1986.

CLARK, Eve. Locationals: existential, locative and possessive constructions. In: GREENBERG, Joseph. *Universals of human language*. Vol. 4. Stanford: University Press, 1978.

COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology*. Chicago: University of Chigaco Press, 1981.

---

CREISSELS, Denis. *Control and the evolution of possessive and existential constructions*. In: GELDEREN, Elly van; CENNAMO, Michela; BARODAL, Jóhanna. *Argument Structure in Flux: The Naples-Capri Papers*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 459-476.

CHRISTIE, J. J. Locative, possessive and existential in Swahili. *Foundations of Language*, Vol. 6, n. 2, May, pp. 166-177, 1970.

DEN DIKKENS, Marcel. *Relators and Linkers : the syntax of predication, predicate inversion and copulas*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2006.

FREEZE, Ray. Existential and Other Locatives. *Language*, 68, p. 553-595, 1992.

\_\_\_\_\_. Existential constructions. In: HASPELMATH, Martin. *Language typology and language universals. An International Handbook*. Berlin: De Gruyter, 941-53, 2001.

HEINE, Bernd. *Possession. Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56: 251-99, 1980.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic Structures*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

KAYNE, Richard S. *Parameters and Universals*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KLAIMAN, M. H. *Grammatical voice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald. *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

\_\_\_\_\_. Strategies of clausal possession. *International Journal of English Studies*. Vol. 3 (2), 2003, pp. 1-24.

\_\_\_\_\_. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

LEVINSON, Lisa. Possessive WITH in Germanic: HAVE and the role of P. *Syntax*, 14: 4, dezembro 2011, 355-393.

LI, Yafei. *X<sup>0</sup>: A Theory of the Morphology-Syntax Interface*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2005.

PAYNE, Doris. Is possession mere location? In: MCGREGOR, William B. *The expression of possession*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

REINTGES, C. H. LIPTAK, A. HAVE = BE + PREP(osition): New Evidence for the Preposition Incorporation Analysis of Clausal Possession. In: FRASCARELLI, M. (ed.) *Phases in Interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, pp. 112-128.

STASSEN, Leon. *Predicative Possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. Predicative Possession. In: Haspelmath, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

STOLZ, Thomas. To be with X is to have X: comitatives, instrumentals, locative, and predicative possession. *Linguistics, An Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*. May 2001, Vol. 39, n. 2: p 321-350.

---

STOLZ, Thomas; STROH, Cornelia; URDZE, Aina. *On Comitatives and related categories: a typological study with special focus on the languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics: Concept structuring systems*. Vol I Cambridge: MIT Press, 2000 [1988].

VAN VALIN JR., Robert. Incorporation in Universal Grammar: A Case in Theoretical Reductionism. *Journal of Linguistics*, Vol. 28, n. 1 (Mar., 1992), pp. 199-220.

VIOTTI, Evani. A estrutura sintática das sentenças existenciais e o efeito de definitude: semelhanças e diferenças entre o inglês e o português do Brasil. *Revista Letras*, n. 58, p. 371-395. Jul./dez. 2002.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 30 de setembro de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de novembro de 2016.